

Presidente diz que o “caos” é a volta da inflação

Ele não comentou as pesquisas, mas afirmou que área social é prioridade, desde que com estabilidade

EDSON LUIZ
Enviado especial

WASHINGTON – O presidente Fernando Henrique Cardoso afirmou ontem que a área social continua sendo uma das prioridades, mas o governo não vai adotar nenhuma medida que possa causar a volta da inflação. “Tudo será feito para manter o valor da moeda”, afirmou o presidente, que ontem se encontrou com o presidente dos EUA, Bill Clinton.

Fernando Henrique não quis comentar as pesquisas de opinião que mostram sua queda na preferência dos eleitores e o avanço do candidato do PT à Presidência, Luiz Inácio Lula da Silva. Mas disse que “o caos” no Brasil é a volta da inflação e a carestia. “Não vamos deixar.” Segundo ele, depois da crise financeira asiática, a tendência é a taxa de juros voltar ao normal. “No segundo semestre, haverá melhorias”, disse, em entrevista na embaixada brasileira. Ele negou que o ministro da Educação, Paulo Renato, deixará o ministério para assumir a coordenação da sua campanha.

Estes são os principais assuntos abordados pelo presidente:

■ **Área social** – “O governo do Brasil tem rumo e não mudamos a cada semana. A área social é prioridade desde o início do governo. O vice-presidente do Banco Mundial, James Wolfensohn, disse que o Brasil deu um salto enorme em matéria de educação, em termos de melhoria de qualidade. São políti-

cas que tomam tempo, não há milagres, depende de persistência. O governo do Brasil é responsável. Vai continuar fazendo bem o que está fazendo, que é o que chamo de revolução branca. Qualquer recurso será feito dentro do contexto de uma economia que tem de manter o valor da moeda, do real. Não vamos aceitar a volta da carestia, não tomaremos nenhuma decisão que implique de imediato, ou médio prazo, na volta da inflação.”

■ **Pesquisas e popularidade** – “Não quero comentar questões eleitorais enquanto não for formalmente candidato. O caos no Brasil é a volta da inflação, é a desorganização, a carestia. Mas não vai acontecer, não vamos deixar. Sobre popularidade, há setores na sociedade que se sentem prejudicados, mas o governo tem que tomar medidas para solucionar isso. Mas pa-

ra o povo é a carestia que não pode voltar. O mais importante é que os preços do arroz e do feijão baixem.”

■ **Taxas de juros** – “A taxa de juros está caindo, mas não é uma decisão de governo, é uma relação de governo e mercado. Nossa política sempre foi a de fazer com que ela caia. Hoje, depois da crise da

Ásia, que respingou no Brasil, tivemos que tomar medidas duras e as taxas de juros subiram muito. Mas estão voltando ao nível pré-crise. A taxa de juros tem a ver com o nível de empregos, e o governo está interessado em manter o investimento porque não se cria empregos com palavras. No segundo semestre, haverá melhorias na situação.”

■ **Manifestações** – “Tem gente no Brasil que não entende o que é democracia, que ainda pensa que vive em regime autoritário. Isso não me assusta.”

“Quando o povo chia, roncou a barriga”

O presidente Fernando Henrique Cardoso voltou a rebater as críticas de que seu governo relega o social a segundo plano, argumentando que é a oposição que se apega nisso por não ter o que contestar. “Concentramos nossos esforços nos mais pobres e os dados estão aí para comprovar; o problema é que pobre não fala, mas come”, disse, em entrevista a José Paulo Kupfer no programa “Negócios CBN”, da rádio CBN. O programa vai ao ar hoje e amanhã, às 9h10, em São Paulo, com reprise às 20h40, em rede nacional. “Quando o povo chia é porque apertou o calo, roncou a barriga, e é isso que me preocupa.”

Ele disse que, exceto o desemprego, nenhum indicador social foi para trás. Negou ainda o impacto do Real sobre o crescimento. “De 1993 para cá, houve, na média, um crescimento de 4%; não fosse o plano, ainda estaríamos no ziguezague, cresce num ano, cai no outro”, declarou. Para ele, há problemas conjunturais que inibem o crescimento, como a globalização, a readaptação da economia para competir e a crise da Ásia, que obrigou o governo a elevar as taxas de juros – o que também contribuiu para o aumento do desemprego. “Não podemos negar que a alta nas taxas de juros agrava a situação”, disse. “Essa taxa de desemprego é inaceitável, e nós temos de trabalhar duro para que ele caia”, concluiu.

Ele reconheceu a dificuldade de aprovação da reforma tributária e voltou a responsabilizar a oposição. “O Brasil não pode continuar se arrastando”, disse, referindo-se à demora das votações. “Eu não vou permitir que, por causa da eleição, haja explosão do déficit”, garantiu.”



PARA FHC,
TAXAS DE JUROS
VOLTARÃO
A CAIR